

A corrida para alcançar a aviação sustentável

Por Maria Whittaker, Chief Corporate Social Responsibility Officer do Grupo Abra, em artigo escrito para o Financial Times, publicado no dia 15 de outubro de 2025.

O artigo publicado em **7 de outubro de 2025** na seção *Big Read*, do jornal Financial Times, intitulado “Como desistimos de voar de forma mais verde” acerta ao destacar a necessidade de uma “reinvenção radical das políticas governamentais para a aviação”. No entanto, embora esse desafio não seja exclusivo do setor aéreo - que representa uma pequena parcela das emissões globais em comparação com outros setores - não devemos perder de vista a oportunidade geracional de liderar a indústria de forma a equilibrar custos para o consumidor, garantindo o acesso ao transporte aéreo e a verdadeira sustentabilidade do setor.

Atingir a neutralidade de carbono na aviação até 2050 é uma meta ambiciosa. Nosso setor precisa colaborar globalmente - e com rapidez. As soluções adequadas para mercados maduros, como Europa, Ásia e Estados Unidos, podem diferir substancialmente daquelas que melhor se aplicam a mercados em desenvolvimento, como a América Latina, onde o Grupo Abra é um dos maiores grupos de companhias aéreas da região.

Diante de altos preços domésticos de combustível, complexidade regulatória e investimento limitado em soluções de baixo carbono - como o combustível sustentável de aviação (SAF, na sigla em inglês) -, o mercado latino-americano apresenta uma conjuntura particularmente desafiadora, agravada pelo papel essencial do transporte aéreo em promover conectividade, coesão territorial e desenvolvimento econômico.

Viabilizar o financiamento do SAF de baixas emissões representa uma possível solução de longo prazo. Uma ferramenta promissora é um novo modelo de financiamento colaborativo, que conecta a demanda global à capacidade de produção regional por meio de acordos climáticos bilaterais. Imagine o seguinte: um país como o Japão - com alta demanda por SAF, mas disponibilidade limitada de matérias-primas - se associa a um país como o Brasil para desenvolver conjuntamente SAF sustentável. O Japão financia a infraestrutura necessária, assegura o fornecimento garantido e obtém créditos certificados de redução de emissões para cumprir suas metas climáticas nacionais.

Nesse modelo, os países produtores - geralmente menos desenvolvidos - recebem investimentos em energia renovável, geração de empregos e inovação, sem comprometer a conectividade doméstica nem recorrer a modelos insustentáveis.

Os países não produtores, por sua vez, garantem volumes de SAF, créditos de redução de carbono e acesso a SAF de alta qualidade e menor custo. Trata-se de um modelo escalável, mutuamente benéfico, com alcance global e alinhado tanto aos objetivos climáticos internacionais quanto às necessidades de desenvolvimento local.

Os países que acertarem em suas estratégias de aviação sustentável desde o início estarão na linha de frente para receber investimentos estrangeiros, acesso a mercados e credibilidade de longo prazo.

Esses países também colherão os benefícios de um transporte aéreo ininterrupto, assegurando assim as vantagens vitais da conectividade e do acesso a oportunidades sociais e econômicas.

Fazer as escolhas certas desde o começo não é só uma questão de boas práticas - é o que vai determinar se teremos sucesso ou não.